

## POR UM RESGATE DA CRIATIVIDADE

Pedro Paulo V. A. Azevedo\*

Aqueles que têm acompanhado nossos artigos sobre o feminino puderam perceber a ênfase que vem sendo dada a criatividade como elemento essencial da feminilidade: “*a fêmea deu cria!*” Domingo retrasado Herculano Farias resgatou a idéia, por mim lançada, de uma *estética da ética* e a ancorou na experiência do encontro. Encontro do Homem com sua verdadeira fonte. Fonte onde, segundo Herculano, jorra a água da estética e da ética. Ou seja, Encontro ( com “E” maiúsculo) do Homem com sua humanidade.

Ora, Herculano nesse momento faz um, diríamos assim, resgate da criatividade. Coloca a beleza de seus textos no olhar do leitor, na vivência de quem os lê, no ato do encontro, da compreensão. Entendimento que deve se processar idealmente entre a fêmea que gesta e seu conceito. Encontro compreensivo que pode fornecer o *garante* de que ali se dará um parto digno da expressão “*salve, deu cria!*” Parir esteticamente a ética ou eticamente a estética.

Nesses tempos de descaso com a moral e a dignidade, onde muitas vezes impera uma espécie de *barbárie moderna* não seria mal imaginar sujeitos cujo maior compromisso fosse com o ato de parir ética.

Esse é o trabalho de parto, de *resgate criativo* que se impõe Herculano no seu exercício enquanto segue entre os vivos como diz ele, tentando domar seus demônios, escrevendo sobre a sua aldeia interna, sobre aquilo que lhe sopra o fundo de seu baú. Criatividade que transforma sua aldeia em algo que toca ao universal quando consegue com seus textos fecundar o leitor. Nesse momento do encontro do escritor com seu leitor, deu-se o encontro do homem com sua humanidade, do ventre com seu feto, do pré-nato com o nascituro. E a vida de uma estética da ética se faz.

Os textos que dão acesso à um conjunto de idéias, pensamentos ou à uma obra são apenas veículos das mesmas. Demonstram sua gênese, desenvolvimento e sugerem uma abordagem. No entanto não se chega a esses acervos a não ser através dos textos. Quando Herculano aborda no seu texto a estética da ética deixa a preciosa pista de que essa idéia só será sentida na sua essência por aquele que abandonar o veículo de sua abordagem ( no caso o seu próprio texto) e puder entrar em contato com a *coisa em si*. Por aquele que puder ser colhido, que teve o seu pensar provocado e tornado possível. Declara que a estética da ética deve estar liberta do seu texto, transcendê-lo através da linguagem criativa do autor com seu leitor.

Um autor comprometido com a criatividade provoca o pensar e o sentir, declina de sua originalidade e denuncia que uma obra deixa de

ser uma obra quando passa a pertencer a um autor. Está aí o rugido do psicanalista que entende que assim como o saber a psicanálise não se detém. Saber detido não é saber. Atribuir a psicanálise como posse de alguém é na verdade condená-la a não ser.

Freud foi fundo nessa questão. Ele não era freudiano. E Freud só criou a psicanálise quando abdicou de seu “Projeto Científico” do saber para se dedicar ao projeto do outro. Analisa e se autoanalisa. Não se tratava mais de obter um saber que pudesse assegurá-lo contra o desconhecido, mas de favorecer uma “compreensão” que permitisse a transformação criativa e criadora. Portanto Freud não explica. Antes implica. Implica o sujeito com ele mesmo para poder honrar sua própria existência e a vida, dom máximo da criação.

Ficou a *implicação* do Herculano que demonstra que o pensamento, o texto, só se mantém como texto vivo, se salvaguarda o ventre para a parturição dos pensamentos novos. Está aí o resgate da criatividade de que falei. **“Salve Herculano, deu cria!!!”**

\*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).